



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

### ESPAÇO E MEMÓRIA: CONEXÕES E POSSIBILIDADES PELO VIÉS DA CATEGORIA LUGAR

Geisa Flores Mendes<sup>++++\*</sup>  
(UESB)

Sôniade SouzaMendonça Menezes<sup>++++\*</sup>  
(UFS)

#### RESUMO

O presente artigo resulta de reflexões acerca das possibilidades de articulação entre as categorias espaço e memória pelo viés da categoria lugar. O exercício empreendido busca apresentar autores que estabelecem um diálogo entre as categorias mencionadas e que podem representar perspectivas desafiadoras de análise do espaço geográfico. Tal iniciativa decorre da necessidade de apresentar alguns apontamentos que possibilitem aos interessados nessa articulação teórica vislumbrar possibilidades de realização de pesquisas no âmbito da ciência geográfica partindo do suposto de que a memória e os elementos simbólicos a ela vinculados também contribuem para o processo de produção do espaço geográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço. Lugar. Memória.

#### INTRODUÇÃO

É possível pensar em espaço geográfico sem memória e a memória sem uma configuração espacial que a sustente? Esse é o ponto de partida que motiva a discussão a

---

\*Doutora em Geografia pela UFS. Professora do Departamento de Geografia da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq intitulado Espaço, Memória e Representações Sociais e Coordenadora da Pesquisa intitulada Memórias, discursos e representações sociais: Um olhar para os 25 anos do Curso de Geografia da UESB (UESB, CNPq, Fapesb). E-mail: geisauesb@yahoo.com.br

\*Doutora em Geografia pela UFS. Professora do Departamento de Geografia da UFS. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq intitulado Alimentos e Manifestações Tradicionais. Coordenadora da Pesquisa intitulada: Produção e comercialização de comidas de feiras: tradição, identidade e territorialidade (CNPq) E-mail: soniamendoncamenezes@gmail.com



ser empreendida no presente artigo e que mobiliza os estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais.

A memória, como categoria essencialmente interdisciplinar, se configura como uma abordagem enriquecedora nas análises geográficas, no entanto, um levantamento preliminar aponta para o incipiente diálogo entre essa categoria e as análises que tem o espaço geográfico como centralidade. Assim, o presente artigo busca explorar aspectos da memória que poderiam ser evidenciados também nas análises geográficas, mais especificamente nas discussões que envolvem a categoria lugar.

Para esse exercício foi feito um levantamento de autores que, mesmo com diferentes abordagens, evidenciam a aproximação mencionada e oferecem pistas para o aprofundamento da relação entre espaço e memória. Essa iniciativa decorre, ainda, do interesse em apresentar alguns apontamentos que sinalizem para a compreensão de que a memória interfere no processo de produção do espaço geográfico posto que o espaço está impregnado de memória e toda memória está, inevitavelmente, atrelada a um espaço que a sustenta e a consolida.

A compreensão de que as vivências e experiências tecem sua história por meio dos processos espaciais requer, inegavelmente, na análise das configurações socioespaciais, o envolvimento de categorias presentes em outras instâncias disciplinares. No entanto, é preciso atentar para o que já alertou Lacoste (1988) acerca dos geógrafos que tomam o discurso, os métodos e o objeto de outras disciplinas sem a necessária explicitação dos propósitos de tais escolhas. A opção de estabelecer um diálogo entre memória e espaço tem, portanto, um claro propósito: entender que tal categoria de análise também dá suporte à dinâmica da vida social e, conseqüentemente, intervém no processo de produção do espaço. A interpretação dessa dinâmica demanda, assim, muito mais integração do que limites a fim de estabelecer o que Gomes (2001) denominou de novas solidariedades disciplinares. Enfatiza-se, assim, a necessidade de



romper com algumas ausências de diálogos intradisciplinares, que, muitas vezes, são criadas e reforçadas pelos próprios geógrafos,<sup>§§§§§</sup> pois, contraditoriamente,

[...] 'Diferentes geografias [ou disciplinas geográficas] tendem a se cristalizar ao sabor dos impulsos ideológicos, pretendendo cada ramo estruturar-se em saberes constituídos.' Como integrar se os *distritos do saber geográfico* também se fragilizam pela insuficiência de contato com disciplinas afins? (HISSA, 2006, p.227, grifo do autor).

O questionamento feito por Hissa alimenta o propósito da discussão aqui materializada, pois é com o intuito de buscar estabelecer novos diálogos interdisciplinares, sem perder de vista o viés geográfico, que o presente artigo foi concebido.

### **APROXIMAÇÕES ENTE AS CATEGORIAS MEMÓRIA E ESPAÇO POR MEIO DA CATEGORIA LUGAR**

É impossível abordar a categoria memória sem se referenciar no conceito de memória coletiva inaugurado por Halbwachs. Na obra *La mémoire collective*, publicada em 1950, Halbwachs estabeleceu a consolidação do elo entre memória individual e memória coletiva. O autor sustentou a tese de que, mesmo que o indivíduo estivesse só, recordaria por meio de memórias que não seriam somente suas. Em uma ampla revisão acerca do conceito e suas possibilidades de interpretação no âmbito da teoria social, Santos destaca a fundamental contribuição de Halbwachs e evidencia que o autor,

Ao ressaltar o caráter social da memória e explicar que nem mesmo as memórias mais íntimas podem ser pensadas em termos exclusivamente individuais, enfatizou o caráter social do ser humano e antecipou as abordagens culturalistas à história. Foi ele quem primeiro afirmou que

---

<sup>§§§§§</sup> Em *A mobilidade das fronteiras*, Hissa (2006) estabelece um exercício de reflexão teórica acerca da natureza da geografia como disciplina bem como de suas práticas afirmando que “[...] Não há a geografia sem a transgressão de suas próprias fronteiras, assim como não há qualquer outra disciplina na ausência da contínua ultrapassagem de seus próprios territórios [...]” (HISSA, 2006, p. 13-14).



nenhuma lembrança pode existir sem a sociedade (SANTOS, 2003, p. 51).

É nesse sentido que o caráter social da memória é insistentemente demonstrado, pois, como formula Halbwachs, cada indivíduo está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos. Para ele, cada membro de determinado grupo tem, sem dúvida, uma perspectiva própria que, no entanto, só adquire sentido por sua estreita relação e correspondência com os outros membros do grupo. A memória individual se apoia, portanto, na memória social, uma vez que, ainda de acordo com o autor, toda a história de nossa vida faz parte da história social. Dessa forma, a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas, já que evolui de acordo com categorias próprias e específicas.

Além da vinculação da memória ao grupo e, conseqüentemente, aos quadros sociais, Halbwachs enfatiza o espaço como o *locus* das ações dos grupos sociais, por entender que,

[...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável (HALBWACHS, 1990, p. 133).

Assim, para o autor, não existe memória coletiva que se desenvolva fora de um quadro espacial, pois:

O espaço é uma realidade que dura [...] não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso



pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção [...] (HALBWACHS, 1990, p.143).

Ao afirmar que o lugar recebe a marca do grupo, e vice-versa, o autor considera que todas as ações de um grupo podem se traduzir em termos espaciais. As imagens espaciais, para ele, desempenham, então, um papel fundamental na memória coletiva. Essa formulação, além de reiterada na discussão ora apresentada, pode ser reinterpretada de modo que, mais do que a vinculação a um grupo, se possa pensar na mediação da experiência do vivido como referência da memória, e, nesse caso, a intersecção com o espaço é inevitável. Para tanto, considera-se a produção socioespacial com base numa relação dialética complexa entre o vivido, o percebido e o concebido.

A memória está sempre impregnada de referentes geográficos. Para Holzer, “[...] qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória” (2000, p. 111). Assinala Castro (1997, p. 177) que “A complexidade da tarefa de compreender o mundo, nada simples, e a necessidade de perceber tanto os processos visíveis como aqueles decorrentes da simbologia dos lugares, seus aspectos míticos e suas conotações subjetivas têm sido também preocupação dos geógrafos”.

Nora (1993, p. 09) enfatiza tal aspecto ao evidenciar que “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Assim, a memória busca sempre essa vinculação com um lugar que a consolida, pois é neste que as experiências se materializam. Para Carlos (2002, p. 31) “[...] sem referências não se produz sequer o lugar na memória”. Assim, espaço e memória se entrelaçam a todo instante e isso pode ser facilmente percebido nos sentidos atribuídos aos lugares.

Tomemos a categoria lugar como aquela categoria geográfica que permite, num primeiro instante, uma maior vinculação com a memória, pois o lugar é aqui compreendido como “[...] produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos [...] a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida” (CARLOS, 1996, p. 28). Esse entendimento



permite aprofundar a relação entre espaço e experiência, aspecto esse encontrado de maneira mais consistente nas discussões que envolvem a categoria lugar.

As compreensões apresentadas estão em plena consonância com os atos de rememorar e representar que se encontram, por sua vez, em intensa simbiose. É nesta perspectiva, que a memória social se constitui em importante viés de análise na compreensão da produção e configuração de lugares.

Lugar é uma das categorias essenciais da geografia. Entretanto, por um longo tempo, conforme destaca Holzer (2003), foi utilizada pelos geógrafos somente para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Essa concepção acabou por conduzir o lugar a um plano secundário em relação a outros conceitos geográficos. Nos últimos anos, porém, tem sido evidente a emergência de tal categoria que vem se destacando em diferentes análises geográficas partindo de concepções também diversas.

Uma dessas acepções pode ser encontrada em Tuan (1983). O autor desenvolve sua análise a partir do entendimento de que o lugar está essencialmente associado à experiência. Implica, portanto, uma relação sensorial que envolve pensamento, emoções, percepções, enfim, o vivido. Ao estabelecer uma distinção entre espaço e lugar, Tuan ressalta que espaço é movimento, lugar é pausa. Assim, para ele, o lugar “[...] é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (1983, p. 198).

Carlos (1996) também evidencia a relação de identidade e pertencimento do homem com o “local onde se processa a vida”, entretanto, a sua postura se opõe à de Tuan na medida em que a autora também expressa que esta relação “[...] se vê influenciada, determinada, ou mesmo ameaçada pelas relações do lugar com um espaço mais amplo” (1996, p.28). O lugar se produz e se reproduz na relação dialética entre o global e o particular, assim “[...] o lugar é sempre um espaço presente dado como um todo atual com suas ligações e conexões cambiantes” (1996, p. 31).



Os autores mencionados defendem diferentes posições teóricas, mas compartilham da preocupação de ampliar a discussão sobre o lugar para além do simples entendimento de um sentido locacional. Em oposição ao conceito de lugar estático desenvolvido por Tuan, Carlos o considera em sua dinamicidade, em sua relação dialética entre o global e o particular.

A relação entre o local e o global instiga Carlos (1996) a empreender uma análise acerca do significado do lugar na era das redes, uma vez que se torna visível as mudanças sofridas pelos lugares num período dominado pelo que Harvey (1992) chamou de compressão tempo-espço. Assim, o lugar na era das redes cria a sensação de que as bases territoriais são perdidas, mas, dialeticamente, “[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos” (CARLOS, 1996, p. 30).

No artigo intitulado Um sentido global do lugar Massey (2000) apresenta uma discussão acerca do sentido do lugar nessa época de constante aceleração e constata que “[...] um dos resultados dessa situação é a crescente incerteza sobre o que queremos dizer com lugares e como nos relacionamos com eles” (2000, p. 177). A análise da autora converge em alguns pontos com a de Carlos (1996), todavia, ainda avança, extrapolando alguns argumentos desenvolvidos por Carlos, pois para Massey, não existe uma identidade coesa com o lugar, mas identidades múltiplas. Assim, ressalta a ideia de que se é possível pensar em identidades múltiplas pode-se dizer a mesma coisa dos lugares, pois, para ela os sentidos atribuídos ao lugar são também múltiplos, diversos. Defendendo a argumentação do que denominou de “um sentido progressista do lugar” a autora afirma: “[...] parece-me que precisamos de um sentido global do local, de uma consciência global do lugar” (2000, p. 185).

Ainda para Massey, ao invés de se pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, assim “[...] cada lugar pode ser visto como um ponto particular, único, dessa interseção. Trata-se na verdade de um lugar de encontro” (2000, p. 184).



Essas análises permitem à autora propor que devemos pensar em um sentido do lugar que seja “extrovertido” o que inclui “[...] uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local” (p. 184). Esse sentido possibilitaria o desenvolvimento de um conceito progressista do lugar, pois nesta acepção “[...] o lugar é absolutamente não estático. Se os lugares podem ser conceituados em termos das interações que o agrupam então, essas interações em si mesmas não são coisas inertes, congeladas no tempo: elas são processos” (p. 184).

Apesar das diferentes concepções de lugar aqui brevemente apresentadas pode-se perceber uma clara relação entre essa categoria e a memória. Carlos (1996) destaca esse atrelamento entre memória e espaço ao assegurar que a identidade dos grupos sociais guarda uma dimensão espacial, pois um grupo só se pode visualizar num espaço onde os elementos da sua história estão presentes. Assim, os laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, visto que

[...] A memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. [...] A memória liga-se decididamente a um lugar [...] pois o indivíduo só se realiza no e pelo outro pelo imbricamento entre as histórias coletivas e individuais, ligadas a um espaço determinado, aquele da vida (1996, p. 82).

Acerca do imbricamento entre histórias individuais e coletivas apontado por Carlos é possível encontrar uma abordagem semelhante em Claval (2002) quando este afirma

El espacio, la naturaleza, la cultura o la sociedad son tanto realidades sociales, como individuales. Están construidas a partir de representaciones adquiridas de otros, a través de procesos de comunicación. Las categorías transmitidas tienen un sentido compartido, porque se apoyan en el empleo de los mismos términos y están ligadas al reparto de las mismas experiencias (2002, p. 35).

A memória pode ser então vista como legítima expressão da experiência coletiva uma vez que ela tem o poder de identificar o grupo, conferindo-lhe uma identidade





peculiar, proporcionando sentido ao seu passado, dando coerência ao seu presente e definindo as suas aspirações futuras. Fentress e Wickham (1992) evidenciam que “[...] a memória não é meramente retrospectiva; é também prospectiva. A memória dá uma perspectiva para a interpretação das nossas experiências no presente e para a previsão do que virá a seguir” (1992, p.70). Esta ideia é corroborada por Carlos quando, respaldando-se em Lefèbvre, ressalta que “[...] a memória aproxima, faz mover/retroceder o tempo. É o campo do irredutível, é o que permite ao passado se aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença” (1996, p. 63).

A memória está, também, incontestavelmente atrelada ao processo de configuração de representações e estas, inevitavelmente, se articulam intensamente com o lugar. Ora, tanto a memória quanto as representações são fenômenos socialmente construídos e estão sempre em curso, produzindo geograficidade.

Assim é que, a apreensão dos vínculos entre o lugar e as redes de memória bem como as representações que os constituem se configura de extrema importância para o olhar geográfico, pois na condição de geógrafos “[...] estamos preocupados em elucidar as questões atinentes à dimensão espacial e à territorialidade enquanto componentes indissociáveis da condição humana” (HAESBAERT, 2004, p. 20).

Partindo desse entendimento torna-se imprescindível analisar de que modo as práticas culturais e as representações interferem nos processos de produção do espaço geográfico. A este respeito uma interessante advertência é encontrada em Claval:

Materia, naturaleza, cultura y vida social son realidades aprehendidas al mismo tiempo por cada uno [...] El mundo es un dato de la percepción; está estructurado por discursos. Los investigadores no tienen un acceso privilegiado a la verdad. Ésta sólo aparece paso a paso, a través del análisis minucioso de los testimonios y experiencias de unos y otros (2002, p. 34).

É nesse âmbito que Chartier (1990), explicita a necessidade de se acabar com os falsos debates que estabelecem uma oposição entre a objetividade das estruturas e a



subjetividade das representações, uma vez que, para ele, não há oposição entre o mundo real e o mundo das representações. Aspecto este também considerado por Lowenthal (1961) ao sugerir o fim da delimitação entre objetividade e subjetividade nas discussões geográficas. Esta preocupação é também evidenciada por Barbalho (2004) ao afirmar: “[...] o conceito de representação não se refere à ‘cópia do real’ ou à ‘reprodução do real’, significando algo descolado do concreto e próprio à esfera das idéias” (p. 156). As representações são aqui entendidas, portanto, não como meras reproduções do real, mas como integrantes deste real, também como seu instituinte.

Ao afirmar que as representações estão intimamente associadas a símbolos e que a criação de símbolos não é arbitrária, não se faz no vazio social,<sup>\*\*\*\*\*</sup> Carvalho (1990) enfatiza que existe no mundo das ideias, dos discursos e dos ritos, todo um processo pensado e minuciosamente planejado, uma mobilização simbólica,<sup>†††††</sup> que revela a visão de mundo de determinado momento. À medida que essas ideias materializadas em discursos, símbolos e ritos alcançam uma eficácia social, elas contribuem para a construção de representações sociais por determinado grupo ou sociedade.

Entende-se que também Jodelet (1991) compartilha dessa concepção, pois em diferentes análises, enfatiza os suportes pelos quais as representações são engendradas na vida cotidiana. Para a autora esses suportes se constituem basicamente de discursos, práticas sociais, documentos, registros em que essas práticas se institucionalizam e finalmente, as interpretações que estes recebem nos meios de comunicação. Esses suportes retroalimentam constantemente as representações contribuindo para a sua manutenção ou sua transformação.

O campo da memória e das representações permite desvendar significados, mergulhar na essência de fenômenos ainda não percebidos. É assim que Garcia Canclini (1994) em *O Patrimônio Cultural e a Constituição Imaginária do Nacional* nos mostra como o imaginário discursivo contribui para a concepção e constituição de uma

---

<sup>\*\*\*\*\*</sup> Expressão utilizada por CARVALHO, J. M. de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 55.

<sup>†††††</sup> *Ibidem*, p. 13.



identidade nacional. Fazendo considerações a respeito da construção imaginária do México, ressalta que os mais variados discursos colaboraram para formar o sentido do nacional, selecionando e combinando suas referências emblemáticas, dando-lhe até hoje uma unidade e uma coerência imaginárias.

Para Bourdieu (1989), a instância das representações seria um *campus* de manifestação de lutas sociais, envolvendo poder e dominação, conflitos e negociações. Assim, a ordem simbólica, na condição de poder simbólico, mediará as representações. As representações seriam campos estruturados pelo *habitus* e pelos sentidos que impregnam o imaginário social. Existiria, então, todo um processo de moldagem pelo qual passariam os sujeitos sociais a fim de incorporarem os princípios e as significações de um determinado arbitrário. O autor ressalta que os sistemas simbólicos são dotados de uma lógica própria, insistindo na objetividade das representações. As representações seriam, portanto, ao mesmo tempo sistemas estruturados e estruturantes. Na articulação entre o poder simbólico, a identidade e a espacialidade, Haesbaert enfatiza:

[...] esse poder simbólico, ao se manifestar pode fazer uso de elementos espaciais, representações ou símbolos, constituindo assim uma identidade territorial, ou seja, um conjunto concatenado de representações socioespaciais que dão ou reconhecem uma certa homogeneidade em relação ao espaço ao qual se referem, atribuindo coesão e força (simbólica) ao grupo que ali vive e que com ele se identifica. (1997, p.50).

Levando em conta estes elementos, o território desdobra-se em territorialidade. Conceito este que tem sido utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural evidenciando também o sentimento de pertencimento a um dado território. Como ressalta Almeida “[...] território ele o é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas” (ALMEIDA, 2005, p. 109). Partindo deste entendimento pode-se dizer que elementos vinculados à memória vão dar sentido ao território, ao lugar.



É imprescindível reconhecer que as abordagens desenvolvidas tendo como foco as relações identitárias com o território e com o lugar possuem diferentes vertentes e compreensões sendo, portanto, alvo de muito mais divergências do que consensos. Nessa perspectiva, fica claro que as proposições em torno destas relações não são de maneira nenhuma unívocas: há uma multiplicidade de olhares, ênfases e práticas desenhando e fermentando e debate em torno dessa temática.

A partir das abordagens aqui brevemente delineadas, pode-se concluir que tanto o território quanto o lugar, com toda a sua carga simbólica, desempenham papel fundamental na consolidação de memórias e representações sociais e vice-versa, o que envolve a compreensão de que os símbolos, os discursos, as práticas sociais configuram determinadas territorialidades e lugares, interferem nas configurações socioespaciais.

Gastal enfatiza:

[...] as diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita. Lugares que não apenas tem memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória (2002, p.77).

Em direção semelhante, Nora observa que (1993, p. 09)

[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Vida e memória, memória e espaço, lugar e experiência são, enfim, conexões impossíveis de se fragmentar e tal constatação nos leva a responder a questão inicial formulada nas primeiras linhas desse artigo: É possível pensar em espaço geográfico sem memória e a memória sem uma configuração espacial que a sustente? Definitivamente, não.



## CONCLUSÕES

A discussão empreendida demonstra as possibilidades de articulação entre as categorias espaço e memória no âmbito das análises geográficas, especialmente pelo viés da categoria lugar.

Longe de esgotar a discussão, a proposta ora apresentada teve o intuito de instigar o debate acerca das perspectivas de análise do processo de produção do espaço pelo viés da memória. Tal intuito teve o objetivo de despertar a atenção para um movimento que não deve ser desconsiderado: a relação entre a geograficidade da experiência humana e a elaboração de um conhecimento que qualifica o lugar, conferindo-lhe significado na memória. Esse movimento, inegavelmente, expressa valores simbólicos e constitui-se em ações estruturantes do espaço com repercussões significativas na sua configuração.

Espera-se que as considerações evidenciadas possam suscitar novas questões de pesquisa aguçando o “olhar” do geógrafo para o processo de produção do espaço também pelo viés da memória.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. de. Fronteiras, territórios e territorialidades. In: **Revista da ANPEGE**. Ano 2, n. 2. Fortaleza: 2005. p. 103-114.
- BARBALHO, A. Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo. In: **Revista Alceu**, v. 4, n. 8, p. 156-167, 2004.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARVALHO, J. M. de. **A formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, I. E. de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim de século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,



1997.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

GARCIA CANCLINI, N. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, nº 23, 1994, p.95-115.

GASTAL, S. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, S. (Org.). **Turismo, investigação e crítica**. São Paulo: Contexto.

GOMES, E. T. A. Natureza e cultura: representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**. Niterói: Eduff, 1997.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, M.A **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**. Niterói, ano 2, n. 3, p. 111-122. 2000.

HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **Revista da Pós-Graduação em Geografia**. Rio de Janeiro, ano V, n. 10, 2003.

JODELET, D. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1991.

LACOSTE, Y. **A geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LOWENTHAL, D. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 51, n. 3, 1961. p. 241-260.

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: Educ, n. 10, p. 7-28. 1993.

SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.